

Universidades Lusíada

Alves, Rui Manuel Reis, 1964-

Venustas, numa noite de chuva

<http://hdl.handle.net/11067/7681>

<https://doi.org/10.34628/k85j-wq97>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T10:39:30Z com
informação proveniente do Repositório

Venustas, numa noite de chuva

Rui Reis Alves

DOI: <https://doi.org/10.34628/k85j-wq97>

Memória

Numa noite de outono de 1985, era eu estudante de arquitetura, o arquiteto Álvaro Siza veio dar uma conferência na Faculdade de Arquitetura, então no convento de São Francisco, ao Chiado, onde funcionava, partilhando o espaço com a então escola Superior de Belas-Artes e a Academia Nacional de Belas-Artes¹, sendo que um dos espaços partilhados era precisamente o auditório onde decorreu a conferência. O convite partira da professora Maria João Madeira Rodrigues, a propósito dos vinte anos da morte de Le Corbusier, que então se completavam, ao mesmo tempo que quase um século passava do seu nascimento.

Chovia copiosamente nessa noite (apesar de, nessa época, as tempestades ainda não terem nome...) pelo que cheguei encharcado, vindo de casa, na Estrela, onde fora jantar. Esperava que estivesse muita gente, no auditório, mas a minha primeira surpresa, nessa noite, é que não estavam mais de vinte ou trinta pessoas para assistir. Talvez a chuva para tal tenha contribuído ou a provável falta de divulgação, mas não posso deixar de imaginar como seria hoje em dia, mesmo sem divulgação e com chuva...

Na verdade, Álvaro Siza não era ainda a estrela mediática da arquitetura que se tornou mais tarde, sobretudo depois de ter sido o escolhido para desenvolver o projeto de reabilitação do Chiado, depois do incêndio de 1988. Pelo contrário, em 1985, Siza era ainda pouco conhe-

¹ Além destas instituições funcionava também no antigo Convento de São Francisco, o Governo Civil e o Museu Nacional de Arte Contemporânea.

cido em Portugal, embora já trabalhasse em outros países da Europa² devido à notoriedade que tinha ganho pelos seus trabalhos no SAAL³. Essa tinha sido também a razão pela qual tinha sido o escolhido para construir em Évora, em 1977, uma das suas maiores obras: mil e duzentos fogos de habitação na antiga Quinta da Malagueira. Construíra já, também, o magnífico edifício para o Banco Borges & Irmão, em Vila do Conde, maldosamente apelidado de Tollan,⁴ e estava a construir o pavilhão Carlos Ramos para a Faculdade de Arquitetura do Porto, antecedendo a construção dos restantes edifícios⁵.

Eu já ouvia falar de Siza desde 1980 através da professora Renée, do Liceu Pedro Nunes, que nos mostrara algumas obras do Siza e nos falara dele e da sua mulher⁶, já falecida, e nos aconselhava a ir estudar arquitetura para o Porto, conselho que não segui, por várias razões. Essa professora, muito especial, além de nos propor alguns dos melhores exercícios que me recordo de ter feito, mostrava-nos, por exemplo, as obras de arquitetura de Le Corbusier mas também as suas pinturas; de Almada Negreiros, a pintura, os painéis, mas também alguns poemas, e por aí fora... talvez tenha começado aí a formar a ideia de que existe um denominador comum entre todas as artes e que todas se podem, assim, relacionar com todas. Ou seja, a arquitetura pode ser prima da pintura, da poesia, do cinema... Grande professora Renée, obrigado!

Mas foi nessa noite de chuva de 1985 que assisti, pela primeira vez, a uma conferência de Álvaro Siza. Mostrou-nos o seu projeto para a Casa Bahia⁷, em Gondomar, que nunca viria a ser construída. Os seus maravilhosos desenhos intercalavam com fotografias da maquete. Lembro-me

2 Na Alemanha, trabalhava já em Berlim, no IBA, onde construíra um célebre edifício de habitação num bairro predominantemente habitado por emigrantes turcos, em cuja fachada alguém grafitou *Bonjour Tristesse*, referência irónica ao título de um best-seller literário dos anos 50.

3 Serviço de Apoio Ambulatório Local, criado por Despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Nuno Portas, em 6 de agosto de 1974, "para organizar um serviço técnico especializado, visando apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas das populações mal alojadas, no sentido de resolver as graves carências habitacionais" que se faziam sentir, à época.

4 Navio naufragado no Tejo em 1980 que ficou encalhado mesmo em frente à Praça do Comércio até 1983. Devido a ter ficado virado de lado, apresentava a linha curva do seu casco fora de água.

5 Para além, naturalmente, de várias obras anteriores, como algumas do início da sua carreira de que são exemplo as Piscinas de Leça da Palmeira ou a Casa de Chá da Boa-Nova.

6 A pintora Maria Antónia Leite Siza (1940-1973).

7 Casa Mário Bahia, cujo projeto se desenvolveu entre 1983 e 1988 e, segundo uma nova versão, em 1993, mas que nunca se concretizou em obra.

de o autor falar do facto de a garagem suspensa com o elevador que dava acesso à casa, mais abaixo, ter a ver com o ponto onde o regulamento camarário impunha construir a garagem: a x metros da estrada e de nível com esta, ou seja, no ar...

Fiquei fascinado com esse projeto, surpreendente e arriscado. Numa época, tão marcada pelo pós-modernismo, esta referência ficou para sempre como libertadora. Lembro-me de pensar como era inimitável. Penso agora que esta casa não foi e, certamente, nunca será construída. Está de tal maneira ligada a um lugar (no espaço e no tempo) que não o poderia ser senão aí. Não poderia passar de um parque em Madrid para uma montanha na Coreia.

No regresso a casa, outra molha... mas essa noite permanece na minha memória, não por isso, mas por sentir que a Beleza, em arquitetura, e também nas outras artes, não tem de ter a ver com perfeição, com serenidade, com elegância ou com graciosidade, mas com emoção, a que nos agita interiormente.



Ilustração 1 - Foto da Maqueta da Casa Mário Bahia, Gondomar, Portugal, 1983-1993 (Álvaro Siza fonds Collection Centre Canadien d'Architecture/Canadian Centre for Architecture, Montréal, Don d'Álvaro Siza/Gift of Álvaro Siza, Ref.ARCH402025)

Experiência

Quase quarenta anos depois, visito o Bairro SAAL de Vale Pereiro, em Grândola, com projeto de Manuel Tainha de 1976, construído entre 1977 e 1978, e uma das casas, pertencente a uma moradora. Mal entramos, apercebemo-nos logo de algumas coisas especiais: a articulação dos espaços, a relação dos tetos inclinados entre si, o jogo dos pés-direitos com as janelas e a claraboia e o modo como a luz entra, o grande cuidado no modo como a escada é colocada para o acesso ao piso de cima, com degraus no piso inferior para aceder aos quartos e passar sob o corredor do piso superior, a janela que, de cima, espreita sobre o duplo pé-direito. Tudo isso revela uma arquitetura ambiciosa na sua vivência e espacialidade apesar de modesta nos materiais e discreta nas formas.

Manuel Tainha foi um grande professor, todos os que foram seus alunos o dizem, mas foi também um excelente arquiteto e escreveu muitos textos interessantes que podem continuar a ser muito úteis para os estudantes. Isto, entre várias outras coisas.

Alguns dos seus projetos não foram (são) suficientemente divulgados e apreciados. Em particular, este. Pertence a uma época e a um tipo com pouco glamour hoje em dia.

O professor Tainha era particularmente culto. Tinha grande gosto por cinema, conhecimento de música, uma relação especial com a arquitetura nórdica. Quando visito as suas obras vem-me tudo isso à cabeça. Admito, contudo, que essa não será a experiência da maioria das pessoas. Mas parece-me que ninguém ficará indiferente ao caráter dos espaços, qualidade evidente desta arquitetura. Esta casa é melhor do que muitas que são vendidas por milhões, ouvi alguém dizer durante a visita. Concordo.

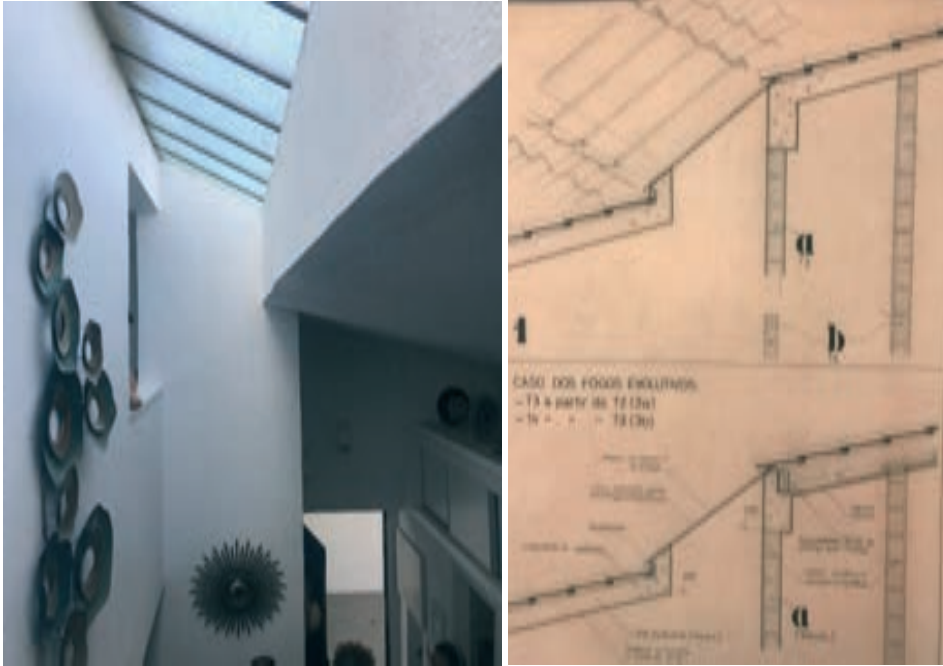


Ilustração 2 – Foto do Interior de casa – SAAL Vale Pereiro, Manuel Tainha, Grândola, Portugal (foto do autor, outubro 2024)

Ilustração 3 – Desenho do projeto do SAAL Vale Pereiro, Manuel Tainha, Grândola, Portugal (foto do autor, outubro 2024)

Lisboa, outubro de 2024

Bibliografia

Neves, J. (ed.) (2002). Manuel Tainha: Projectos 1954-2002. Edições Asa.
Toussaint, M.; Melo, M. (coord.) (2024). Álvaro Siza, Obra Incompleta.
A+A Books.